

“DE CRIANÇA INDÍGENA A DOUTOR EM EDUCAÇÃO: UMA HISTÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS”

Maria da Silva Rosa ¹

Ticiane Velasques Teixeira ²

Erika Karla Barros da Costa ³

Eixo temático: Sustentabilidade, Diversidade e Direitos Humanos

Categoria: Comunicação Oral

RESUMO

O objetivo deste estudo é relatar a trajetória profissional de lutas e conquistas do indígena "Antônio Carlos Seizer" com enfoque em sua vida e experiências de criança indígena a doutor em educação; procurando mostrar as situações por ele enfrentadas ao longo de sua trajetória entre indígenas e não indígenas. Seu modo de pensar e ver a construção de sua história perante a sociedade. O conteúdo permite conhecer sobre as histórias e ensinamentos do então doutor Carlos Seizer, suas ações colocadas em prática em função da sociedade, a disputa por sua formação, os desafios ultrapassados e as grandes diversidades ligadas a cultura e a história de identidade no contexto vivenciado. O tema fala sobre o papel que este doutor desenvolve na sociedade o seu comprometimento e dedicação em educar. Em uma conversa de orientação com a nossa orientadora Erika Karla Barros da Costa, surgiu a ideia de conhecer e estudar a história deste grande nome da educação, por tratar-se de um tema de extrema relevância para Mato Grosso do Sul: a educação escolar indígena, uma vez que este estado possui a segunda maior população indígena do país

Palavras-Chave: Educação, indígena, lutas.

¹ Graduanda de Pedagogia do Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande/ UNAES, email: mariasilvarosaze@hotmail.com

² Graduanda de Pedagogia do Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande/UNAES email: ticiane_hm@yahoo.com.br

³ Professora e Coordenadora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande/ UNAES e FUNLEC, e-mail: erika.barroscosta@anhanguera.com

INTRODUÇÃO

Minha motivação para abordar este tema decorre do fato de que, no período de 2004 a 2006, trabalhei como estagiária na Fundação Nacional da Saúde - FUNASA cuja fundação promove a saúde pública e a inclusão social. Por meio do trabalho diário, despertou-me interesse em obter respostas a determinadas questões: qual é, de fato, o perfil do professor indígena? Como ele atua, na prática para o alcance do objetivo de formar a criança e o adolescente indígena com vistas ao conhecimento e à preservação de sua cultura e ao mesmo tempo o conhecimento da língua e da cultura da sociedade envolvente? Quais são as suas dificuldades, como professor para "transitar" com os seus alunos por dois mundos diferentes "o indígena e não indígena"? O interesse e a curiosidade em saber mais de uma cultura rica, que contribui a sua comunidade diante de impasses e desafios.

Todo esse desejo e curiosidade se uniram aos da minha parceira de estudo e fomos instigadas à pesquisa por nossa orientadora. De um diálogo, surgiu um nome e a partir destes, as pesquisas e descobertas se iniciaram.

O direito à Educação Escolar Indígena foi garantido na Constituição Federal de 1988, a partir daí a população indígena e reconhecida não mais naquela política de extermínio cultura dos povos. A Constituição é o primeiro marco legal que reconhece os povos indígenas como cidadãos brasileiros e garante-lhes uma educação específica. Depois em 1996, a LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação) vem reforçar esse direito, e a Resolução nº03/1999, do Conselho Nacional de Educação, cria a categoria de escola indígena.

O indígena tem grande desafio a enfrentar, o de interagir conhecimento indígena e não indígena à didática pedagógica, considerando que as duas culturas são importantes. Além disto é preciso ressaltar a importância da formação de professores em Mato Grosso do Sul, uma conquista fruto de muita luta. Esses novos "profissionais" indígenas têm demandado, juntamente com suas comunidades, uma formação específica, que lhes permita concluir a escolarização básica e obter uma formação em magistério, de modo que possam exercer uma educação qualificada em benefício das crianças indígenas. Por diversos motivos a educação indígena teve momentos de excessivo acanhamento, quase sem coragem para reclamar sua autonomia e seus direitos. Além disto, também enfrentam resistências relacionadas à cultura, existem muitos pais indígenas que se sentem inseguros em mandar as crianças com idade de

quatro e cinco anos para a escola, a própria comunidade resiste ao ingresso na Educação Infantil.. O objetivo, nesse momento, é que a escola seja a intersecção entre os saberes próprios das comunidades e os saberes da sociedade nacional.

OBJETIVOS

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa passou por dois momentos específicos, considerando o contexto cultural e sócio político da realidade observada: primeiramente o estudo centrou-se em análises bibliográficas, documentais e etnográficas, em seguida foi realizada uma entrevista com o professor Antônio Carlos Seizer, o primeiro Doutor indígena a se formar no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, com a tese "Kalivôno Hikó Terenô: sendo criança indígena terena do século XXI - vivendo e aprendendo nas tramais das tradições, traduções e negociações" portanto o objetivo do estudo é apresentar as suas lutas e conquistas no meio da educação.

Os povos indígenas transmitem conhecimento de formar singular de geração a geração; pois sua cultura, língua, tradições, visão de mundo são transmitidos coletivamente. pela transformação e conquista do direito a uma educação diferenciada, intercultural, que respeitasse sua organização social, valores, crenças e tradições.

METODOLOGIA

Diante do que se pretende nas licenciaturas, uma avaliação como essa, é fundamental para o aprimoramento das atividades oferecidas, uma vez que a estrutura curricular do curso possibilita mobilidade para as adequações, tendo em vista o êxito no processo de ensino-aprendizagem dos professores em formação. Pelo que foi adquirido no desenvolvimento das atividades, participação e avaliações escritas, a sua meta principal que é, além de desenvolver as atividades de ensino-aprendizagem, possibilitar reflexões sobre a construção da escola indígena, considerando as particularidades e a abrangência das questões pedagógicas, culturais, legais e políticas envolvidas.

A interculturalidade considera a diversidade cultural no processo de ensino e aprendizagem. A escola deve trabalhar com os valores, saberes tradicionais e práticas de cada comunidade e garantir o acesso à conhecimentos e tecnologias da sociedade nacional relevantes para o processo de interação e participação cidadã na sociedade nacional. Com isso, as atividades curriculares devem ser significativas e contextualizadas às experiências dos educando e de suas comunidades. As escolas indígenas se propõem a ser espaços interculturais, onde se debatem e se constroem conhecimentos e estratégias sociais sobre a situação de contato interétnico, podem ser conceituadas como escolas de fronteira espaços públicos em que situações de ensino e aprendizagem estão relacionadas às políticas identitárias e culturais de cada povo indígena.

A escola indígena se caracteriza por ser comunitária, ou seja, espera-se que esteja articulada aos anseios de comunidade e a seus projetos de sustentabilidade territorial e cultural. Dessa forma, a escola e seus profissionais devem ser aliados da comunidade e trabalhar a partir do diálogo e participação comunitária, definindo desde o modelo de gestão e calendário escolar – o qual deve estar em conformidade às atividades rituais e produtivas do grupo - até os temas e conteúdos do processo de ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DA APLICAÇÃO EMPREGADA

Em entrevista realizada com o professor Doutor em Educação Antônio Carlos Seizer, verificou-se que ele tem 33 anos, é da etnia Terena e tráz um sobrenome alemão, porém são devido aos contatos no final do século XIX entre os terenas e os não indígenas que aqui chegavam, o seu avô no caso era filho de um alemão e missionário na região de Miranda e Aquidauana. Como no final de 1940 e 1990 a maioria dos Terenas trabalhavam em fazendas, devido a situação pós-guerra, todo esse realdeamento, então, a sua mãe no caso saiu da aldeia com seu pai para que pudessem perambular pelas fazendas buscando trabalho, então acabou por estudar mais nas fazendas e posteriormente na cidades, por conta que nas comunidades indígenas também a escolarização era apenas do 1º ao 5º ano. Na 4º série na época e por incrível que pareça o ensino nas comunidades o principal viés era a ideia de catequização ou de evangelização, não tinha muito essa coisa “ah vamos estudar”, sua mãe foi ousada para o tempo dela, uma mulher como muitas mulheres Terenas também fizeram, ir a cidade e dar continuidade a os estudos sem perder o vinculo com a comunidade. Abandonado pelo pai, aos sete anos de idade ele desempenhou duas funções: de estudar e trabalhar como jardineiro até concluir o Ensino Médio.

[..] minha infância foi dividida entre o trabalho que pra nós também tem uma diferença muito grande, o trabalho para nós indígenas não é na concepção de exploração como muita gente vê o trabalho infantil, mas é de aprendizagem e socialização, minha mãe colocava a gente pra trabalhar, além claro que eu ganhava pra ajudar em casa, mas também minha mãe sempre dizia “você precisa trabalhar porque você precisa aprender também”[..]

Com infância rígida pela mãe, se tornou homem responsável para ajudar sua mãe e suas irmãs mais novas, para o sustento da casa. Com toda a sua responsabilidade, sempre o brincar e as brincadeiras estavam presentes como: correr, brincar e subir em arvores. Uma breve comparação com as crianças de hoje, cujo a sua tese de Doutorado que questiona: quem são hoje essas crianças do século XXI, que não são essas crianças que nós fomos produzidos? Pois hoje o brincar é totalmente diferente e imparcial como antigamente, hoje se engloba nas tecnologias e em torno do mundo superficial de avanços globalizados.

[..] Liberdade que se faz presente quando se fala dessas brincadeiras do nosso tempo, parece que faz tanto tempo, mas não, acho que as coisas mudaram tanto de uma hora pra outra que estamos no meio, parece que existe uma grande barreira, um grande abismo entre nossa infância e esse momento[..]

Dividido entre o ser "indígena e não indígena" pois tem as suas diferenças, pois o mesmo não se acostumou do lado "não indígena de ser" por ter padrões que a sociedade exige em ter, um preconceito histórico contra os povos indígenas, que continua ainda muito vivo. Outra prática também é a violência contra os povos e comunidades indígenas, o que causa e a cobiça de suas terras, as reivindicações dos povos indígenas são justas pois se fundamentam nos direitos que possuem, como pessoas, como cidadãos e como povos diferenciados. Eles exigem garantia da terra, da dignidade, da justiça e de um atendimento respeitoso e adequado transformação ampla da sociedade. Quando se fala de preconceito é uma questão étnico-cultural, por exemplo você pode ser uma pessoa, um sujeito negro, mas se você for um sujeito negro ligado ao candomblé por exemplo, o olhar que se tem sobre você é o pior possível, de interiorização maior e isso se faz também dentro das sessões indígenas, quando você olha também o branco pobre, então queira quer sim ou não inventaram-se essas categorias, mas a questão étnica muita das vezes ela é mais pesada que a questão social.

O mundo não indígena, ele é cruel [..]

Pois é, é uma coisa assim muito interessante até essa pergunta, se nós formos verificarmos até um tempo atrás quando nós na nossa infância, ser professor era algo prazeroso, nós almejávamos ser professores porque tinha uma respeitabilidade com relação ao ser professor e eu falo que eu escolhi a licenciatura[..]

Escolheu a licenciatura, que é essa ideia de construir, de se construir a todo instante, pois sempre acreditou, pois foi criando numa etnia para exercer o sacerdócio. O sacerdócio dentro da cultura indígena, as rezas os cânticos, então fez com que tivesse este aprendizado sempre, ouvindo o outro, compartilhando com o outro, no processo todo de uma construção autônoma de poder estar a frente produzindo conhecimento com os seus sujeitos, é a grande diferença. Quem o motivo em ser Mestre e depois Doutor em Educação foi sua mãe, o mesmo cita e sua tese o seguinte: "ela não me ensinou um caminho, não, ela simplesmente me disse que tinham vastos caminhos e que eu os escolhesse para o meu próprio bem e ou para meu próprio mal, não seria ela que diria o que eu iria fazer ou não, até que todos nós terenas, os indígenas tem disso, nós saímos de casa as vezes muito cedo em busca de sonhos."

Os não indígenas no seu ver as vezes sonham demais, e estão sempre correndo atrás do futuro, de um futuro que não chega, parece sempre agoniados . E para os indígenas já não, "viver do hoje" pois é mais tranquilo, por não sofrer, porque o que vale para os indígenas é marcar o momento do hoje, de ser lembrando pelas coisas que fez, e não pelas coisas que tem. Hoje para a sua vivência nas comunidades, eles não deixam de juntar o que nós chamamos de tradicional contemporâneo. Para os indígenas o tradicional é algo velho, o tradicional tão contemporâneo quanto a questão tecnológica, que faz o tradicional ser contemporâneo.

[..] Antes nós pintávamos sim com urucum, sabemos ainda pintar com urucum, nós sabemos, mas também hoje se precisar de uma pintura rápida ai eu uso tinta guache, perdeu o simbolismo da pintura? Não! [..]

O próprio povo acaba criando estratégias mesmo para sobrevivência linguística territorial, pois a língua permanece, tem suas influencias, gírias e palavras que não tinham antes, de terem os espaços sim de vivencia do jeito indígena. Evidenciar as suas lutas, não somente por méritos próprios, mas ter sua mãe como o seu incentivo para dar continuidade aos seus estudos, a sua ancestralidade indígena, dos seus antepassados que fizeram apontar esses novos caminhos e sobretudo as pessoas que o acompanham, que faz parte deste novo percurso, indígenas e não indígenas o mesmo diz: “quem foi anjo e quem foi demônio na minha vida”, porque as vezes quem você acha quem foi o demônio ele foi o anjo! Lembra que sua mãe lavava as roupas dos fazendeiros, para ele dar continuidade dos seus estudos

Eu ouvi muito isso “o que que esse bugre vai ser, esse bugre não vai prestar”, eu ouvi muito isso, “vai ser igual o pai”, assim que falavam, “não vai valer nada, vai ser igual o pai”, porque meu pai era peão de fazenda, ou seja, quem sabe pra eu trabalhar lá no campo prestava, quem sabe[..]

Referente a formação continuada, o mesmo acredita muito na formação continuada para os professores, porém não tem objetivos muitos claros para a educação que posso surtir o efeito que os professores precisam, pois acha um desperdício de investimento, inclusive financeiro. O professor em si, já sabe como lidar com as dinâmicas das interações e experiências, na qual os saberes são construídos, seja para resolver problemas na prática pedagógica seja para organizar-la. Formações continuadas hoje só refletem na proposta

pedagógica, pois é "agnóstica" ou seja, ela está ali por um, sendo sufocada a da cada dia por todos e o professor já implica na constatação de desprazer. Se for verificar em escolas de qualquer rede de ensino, no seus registros consta repetitivas formações continuadas, não é algo prazeroso.

Formação continuada é papel apenas do coordenador pedagógico ou do professor-coordenador, nós não vamos avançar, porque ele parece aquela criatura que já nos medo, eu falo isso porque eu sou coordenador, você chega lá e fala "hoje vai ser isso, hoje vai ser aquilo, porque a secretaria me mandou, nós vamos ter que cumprir, vocês vão ter que ler esse texto, e me dar uma devolutiva", mas não é essa devolutiva que as nossas crianças, que nossos alunos querem, eles querem uma devolutiva que dê sentido, que dê significado inclusive pra própria prática pedagógica do professor, e não simplesmente algo. Na pedagogia nós estamos sofrendo mais, porque de alguma forma a culpa sempre é nossa as culpas são nossas, enquanto pedagogos, mas ainda infelizmente em pleno século XXI nós não descobrimos ou não aceitamos que o dialogar é a melhor de todas as práticas, só que nunca na formação. [...]

Coordenador do Território Étnico Educacional Pós-Pantanal da região do Pantanal, que trabalha com os povos indígenas da região e do Pantanal e Coordenador Geral dos Cursos de Formação a nível médio Indígena, licenciado em pedagogia e matemática. A sua contribuição e orientar os educadores, quanto ao conteúdo escolar, à forma de aprendizagem dos alunos, com algumas noções de como a educação é vista fora e como a educação na aldeia. O professor que gosta de ser reconhecido como professor, gratificante ser educador pode ser a tarefa de educar a mais recompensadora, se formos de instigar nossos alunos para a busca do conhecimento, do querer aprender, do prazer em conhecer. Ao compreender o papel do educador, o diálogo é fundamental em qualquer nível de ensino. Por meio dele, intervimos e nos adequamos às situações do processo ensino-aprendizagem.

Você fez parte do processo de construção daquela pessoa, processo de ensino-aprendizagem, então pra mim ser chamado de professor é uma coisa que a gente tem que manter, é uma questão de identidade profissional.[...]

Uma mensagem para aqueles (as) que estão na graduação de licenciatura em Pedagogia, "a graduação é a principal chave é a porta de entrada para qualquer outra coisa, é o momento mais rico que se tem de qualquer formação, as outras são só meros rituais, mestrado ou doutorado.

Nesse processo de produção da graduação, eu só tenho a dizer que "façam da melhor forma possível." O curso de magistério nas redes estaduais e eu acho fantástico, a gente só aprende ser professor no curso de *magistério*,

não sei se é meu olhar, não é simplista, porque lá você tem tempo pra você produzir, a graduação infelizmente, ela não te dá tempo, ou você lê e produz [...]

Se possível, passaríamos dias e dias para descobrir mundos diversos sobre essa trajetória de lutas e conquistas que precisará ficar gravada na memória e no coração de muitos educandos e educadores sejam eles indígenas ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo relatar as lutas e conquistas do Doutor Indígena em Educação Antônio Carlos Seizer apresentar algumas constatações e problemáticas que envolvem o tema proposto. O povo indígena ainda é muito discriminado pela população em geral. Poucas são as pessoas que se preocupam com o bem-estar dos povos indígenas, aos novos significados na medida que os indígenas constroem suas próprias formas de ensinar e aprender, e sua própria forma de lidar com esses novos tempos tentando adaptá-los ao cotidiano da vida não indígena. O que vimos e ouvimos dos professores indígenas brasileiros, é que manter, recuperar os costumes ou as tradições dos povos originários não será possível com o formato atual da escola. Talvez, o que necessitam seja de autonomia para gerir a escola, no sentido de além de projetar um espaço físico adequado, terem a liberdade de planejar o currículo em função dos costumes de cada comunidade.

Quanto ao motivo que nos levou a escolher como tema, como é ser professor indígena, no sentido de entender como se dá essa prática, posso dizer que: não é fácil para os professores indígenas “transitar nos dois mundos”, como também, que os cursos de formação dos mesmos necessitam de uma reavaliação. Durante nossas conversas, foi possível perceber que muitos não estão preparados para lidar com um ensino sistematizado e burocrático.

REFERÊNCIAS

- BRAND, A. Autonomia e globalização, temas fundamentais no debate sobre educação escolar indígena no contexto do Mercosul. Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Série - estudos. Campo Grande/MS, 7: 7-18, abril/1999;
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei Federal n.º 9.394/96. In: Diário oficial da República Federativa do Brasil, n.º 248, de 23 de dezembro de 1996.. Brasília DF, 1996;
- _____. Constituição da República Federativa do Brasil - 1988 Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, 1999;
- _____. Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar - elaborado pelo Comitê Escolar Indígena. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1993. p.24;
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Plano nacional de educação. Brasília: MEC, 1998; 2000
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2001.
- Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Escolar Indígena. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Martins, Gilson Rodolfo (2ª edição p.63 a 68, 2002) Ed. UFMS.
- SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B. (org.). A Temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global; Brasília: MEC: MARI: UNESCO, 2004.
- LADEIRA, M. E. Desafios de uma política para a educação escolar indígena. Revista de Estudos e Pesquisas. FUNAI. Brasília, n.2, p. 141-155, 2004. Disponível em: Acesso em: 19 ago.2007.
- SILVA, A. L., FERREIRA, M. K. L. (orgs.). Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001.